

50 ANOS
ASTC

Culto de Ação de Graças pelos 50 Anos da ASTE

Simpósio ASTE 2011 – 50 anos

Educação Teológica – Vivências e Espiritualidade e XLVI Assembléia Geral

Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Umesp

Auditório Ômega, Rudge Ramos, 14 de dezembro de 2011

DEUS NOS REUNE E NÓS ATENDEMOS AO SEU CONVITE

Intróito: [Processional de entrada ao som do sino]

A tua luz, envia-me:

[John Bell; Trad.: Luiz Carlos Ramos, Liséte Espindola e Eliseu Peroni]

*A tua luz envia-me
p'ra me guiar;
e me conduza até o lugar
onde estás.*

Isaías 60.1-5b:

“Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR nasce sobre ti. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos; mas sobre ti aparece resplendente o SENHOR, e a sua glória se vê sobre ti. As nações se encaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu. Levanta em redor os olhos e vê; todos estes se ajuntam e vêm ter contigo; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são trazidas nos braços. Então, o verás e serás radiante de alegria; o teu coração estremece e se dilatará de júbilo.”

Abertura: (Saudação e Acolhida)

“ASTE é a sigla por meio da qual se conhece a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, do Brasil. Ela foi fundada no dia 19 de Dezembro de 1961, em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, São Paulo, numa Assembleia Constituinte. Surgiu, portanto, no Seminário Teológico da Igreja Metodista, sede do encontro.” (Do Site da Aste)

Boas-vindas...

Vem, Jesus, nossa esperança (1ª. e 2ª. estrs.):

[L: Jaci C. Maraschin; M: Marcílio de Oliveira Filho]

*1.Vem, Jesus, nossa esperança
nossas vidas libertar.
Vem nascer em nós, criança,
vem o teu poder nos dar.
2.Vem, liberta os prisioneiros
da injustiça e da aflição;
vem, reúne os brasileiros
em amor e em compreensão.*

Oração de adoração: [Luiz Carlos Ramos]

Senhor Deus Eterno,

Reunimo-nos em gratidão pelos 50 Anos

da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos.

Adoramos-te por tua História em nossa história.

Pelos 50 Anos da ASTE a serviço da educação teológica em nosso país.

Pelos 50 Anos de vivências e espiritualidade e compromisso com o teu Reino.

Recebe a nossa adoração, tu que és a Razão da nossa fé.

Recebe a nossa adoração, tu que és a Vida da nossa vida.

Recebe a nossa adoração, tu que és a Sabedoria do nosso saber.

Recebe a nossa adoração, tu que és a Luz da nossa luz.

Sim, adoramos-te em espírito e em verdade.

Tu que és Amor,

Amor sem limites, Amor sem idade

Amor por toda a humanidade!

Amor sem limites: [L: Charles Wesley; M: David Junker]

Amor sem limites,

Amor sem idade,

Amor por toda a humanidade!

DEUS NOS AMA E NÓS HUMILDEMENTE NOS ARREPENDEMOS E RECEBEMOS O SEU PERDÃO

Mateus 3.1-3:

“Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.”

Silêncio

Vem, Jesus, nossa esperança (3ª. e 4ª. estrs.):

[L: Jaci C. Maraschin; M: Marcílio de Oliveira Filho]

*3. Vem tecer um mundo novo
nos caminhos da verdade;
para que, afinal, o povo
viva em plena liberdade.*

*4. Vem, Jesus, abre o futuro
do teu reino de alegria.*

*Vem, derruba o imenso muro
que separa a noite e o dia.*

DEUS NOS FALA E NÓS ACOLHEMOS SUA PALAVRA

Leitura bíblica: Isaías 9.1-6

Deus fala no Natal: [Jaci C. Maraschin]

1. *Senhor, tu falas como queres:
até Belém guiaste os magos
por uma bela estrela peregrina,
e lhes mostraste, assim, Jesus, o Cristo.*
2. *Senhor, tu falas onde queres:
num pôr-de-sol, numa alvorada,
nas páginas das Santas Escrituras
num berço de bondade e de inocência.*
3. *Senhor, tu falas quando queres:
no teu Natal, em nossos dias,
nas nossas aflições, nas injustiças
vertidas na esperança que transforma.*
4. *Senhor, tu falas a quem queres:
com teu amor misterioso
e mostras onde e quando e como
implantarás conosco um mundo mais huma-no.*

Prédica: Prof. Dr. Rev. José Carlos de Souza

Galileia: [Jaci C. Maraschin]

1. *Nós queremos andar na Galileia,
para vê-lo nas ruas e nas praças,
encontrando-o não mais entre os que sofrem,
mas nos braços abertos dos irmãos.*
2. *Nós queremos sentir sua presença
nos andaimes do novo céu imenso.
Nós queremos juntar as nossas forças
numa terra de amor ainda não vista.*

DEUS NOS ALIMENTA DE ESPERANÇA E NÓS A PARTILHAMOS EM COMUNHÃO

Partilha do pão e da água:

No Natal, vieste comer pão com os humanos,
e, em teu Amor, nos ofereceste o Pão e a Água da Vida.
Contigo aprendemos a repartir; contigo aprendemos a comungar.

Deus, em tua graça (Tu és amor): [L: Shirley Erena Murray;

Trad. Jaci Maraschin; M: Per Harling]

*Tu és amor, amor eterno
luz abençoada, luz imortal
Dá-nos perdão, dom amoroso
na comunhão, da água e do pão
Com teu poder, com tua graça
o mundo pode se transformar*

DEUS NOS ENVIA EM MISSÃO E NÓS NOS CONSAGRAMOS PARA SERVIR A DEUS NO MUNDO

Compromisso

Lava-pés: [Jaci C. Maraschin]

- 1. Jesus, tu reuniste os teus amigos
e lhes lavaste os pés, humildemente,
e enviaste-os, logo após, entre os perigos
de um mundo desumano e incoerente.*
- 2. Também pediste que este teu exemplo
se repetisse em nós e que, ao invés,
de nos fecharmos em teu santo templo,
saíssemos lavando ainda outros pés.*
- 3. Na poeira das estradas desta vida,
vem nossos pés lavar, tão doloridos;
vem dar-nos mãos que acalmem a ferida
dos que ainda longe estão de ti, perdidos.*
- 4. Senhor, que os nossos pés assim lavados
nas águas transparentes de tuas fontes,
indiquem sempre a cura dos pecados
e resplandeçam belos sobre os montes*

Oração final e bênção

Uma bênção antiga: (Grande abraço da Paz) [L: Tradicional, Irlanda (Celta);

Trad. E Versão: Fred Spann; M: Danes Agay]
*Que tua vida, amigo, seja sempre para o melhor.
Que o sol aqueça teu viver, que a chuva caia suave no teu lar.
E, até nos encontrarmos outra vez,
Que Deus, que Deus te segure nas suas mãos.
Que o Senhor te abençoe e guarde.
Que o Senhor sobre ti levante o rosto, e te dê a paz.*

Poslúdio e Recessional

Sermão a propósito dos 50 anos da ASTE

Simpósio ASTE/2011 – 50 anos
Educação Teológica – Vivências e Espiritualidade

Texto Bíblico: Isaías 9.1-7

9.1 Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios.

9.2 O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz.

9.3 Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste; alegram-se eles diante de ti, como se alegam na ceifa e como exultam quando repartem os despojos.

9.4 Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre eles, a vara que lhes feria os ombros e o cetro do seu opressor, como no dia dos midianitas;

9.5 porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo.

9.6 Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;

9.7 para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.

Agradecimento

Antes de qualquer palavra, gostaria de expressar minha profunda gratidão pela honra inenarrável de que sou objeto: a de ser o pregador convidado para esta celebração de ação de graças pelo Jubileu de Ouro da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, nossa querida ASTE. Parece que foi ontem quando ainda nos reuníamos para preparar a celebração dos 40 anos. Entretanto, já se

passou mais uma década. Naquela ocasião, lembro-me bem, preparamos um número especial da revista Simpósio. Para mim, coube particularmente o encargo de redigir um artigo sobre as publicações da ASTE, o que cumpri com grande alegria, porquanto a primeira faceta da ASTE que conheci foi o conjunto de livros que procurei adquirir tão logo foi possível, quando ingressei nos estudos teológicos. É verdade que um pouco antes conhecera o

então secretário geral, Jaci Correa Maraschin, um de meus professores logo nos primeiros dias de aulas. Mas ainda não o relacionava à Associação. De qualquer modo, não demorou muito para que me familiarizasse com nomes como Bentzen, Von Rad, Von Allmenn, Kittel, Cullmann, Aulén, Bettenson e Walker, para mencionar apenas alguns. Durante algum tempo, a ASTE continuou a ser, para mim, como é para muitos estudantes de nossas instituições ainda hoje, apenas mais uma editora teológica.

De qualquer modo, naqueles idos de 1975, aos dezessete anos, jamais poderia imaginar que, algum dia, escreveria livros ou artigos e, muito menos que a ASTE os publicaria, ou ainda que faria parte de sua Diretoria, e muito menos que participaria com vocês desta celebração de 50 anos. Porém, foi exatamente isto que aconteceu! Em 1979, o professor Maraschin surpreendeu-me ao publicar minha monografia, dedicada ao estudo de Paul Tillich, como um dos volumes da série Teologia no Brasil. Mais tarde, eu viria a ser eleito para compor a Diretoria da ASTE e seria reeleito sucessivas vezes como vogal, tesoureiro, vice-presidente e, por último, presidente. Hoje me considero extremamente privilegiado por ter sido escolhido para esta reflexão final.

Se, porventura, retomo estas recordações autobiográficas não o faço com outra finalidade senão a de manifestar a minha dívida de gratidão pelo que a ASTE tem representado ao longo destas cinco décadas. Muito do que sou e faço tem a ver com os sonhos acalentados naquele dezembro de 1961, quando doze seminários, sob a liderança de Aharon Sapse-sian e outros, tomaram a decisão de fundar esta associação. À parte do impacto causado na educação teológica evangélica brasileira

[que não pode, de forma alguma, ser minimizado], os caminhos da ASTE, à semelhança de minha história pessoal, têm cruzado no cotidiano de muita gente, alargando horizontes, gerando novas possibilidades, fortalecendo e confrontando convicções, abrindo espaço para o convívio e o diálogo entre pessoas diferentes, enfim semeando esperanças, mesmo quando os tempos são difíceis.

Uma época de contrastes

O comentário precedente me leva a relacionar a trajetória da ASTE com o período litúrgico do advento e do natal, aliás, a época por excelência de reuniões da ASTE, o que torna tal conexão, de certo modo, natural.

Um dos aspectos que mais chama a minha atenção é o agudo contraste entre a gravidade da condição humana ou da situação social enfrentada e a fragilidade dos meios disponíveis para superá-la; assim como entre tais instrumentos e a magnificência dos resultados esperados. Quase diria que inexistia qualquer proporcionalidade entre ambos os pólos. Não é o que constamos no texto lido?

De acordo com alguns biblistas, tais versículos integram o “Livro de Emanuel”, que contém ou inspiraram as mais significativas referências à figura do Messias no livro do profeta Isaías. De modo geral, há consenso em torno do contexto histórico em que se inscrevem. A conjuntura político-militar era inteiramente desfavorável para as pequenas nações do Oriente Médio, notadamente para os reinos de Israel e de Judá. O Império Assírio expandia sua influência e domínio, anexando territórios, cobrando tributos e devastando os insubmissos. Desde Jerusalém, Isaías havia acompanhado o desastre que atingira as re-

giões ao Norte. No ano de 732 antes da era comum, o temido Teglal-Falasar (2Re 15.29: Tiglate-Pileser) arrasara as áreas nomeadas pelo profeta (a terra de Zebulom, a terra de Naftali e a Galileia), levando boa parte de sua população para o cativeiro, anulando todos os focos de resistência e exemplarmente desencorajando qualquer tentativa de rebelião. Humilhação, obscuridade, desprezo, trevas, aflição, sombra da morte são expressões, escolhidas pelos tradutores do texto sagrado para a língua portuguesa, com o objetivo de indicar a força semântica do hebraico e, mais ainda, evocar a difícil conjuntura da época. Em circunstâncias como estas, somente o desespero encontra justificativa! Com efeito, nada – nem no tempo passado, nem no presente – insinuava a mínima evidência de esperança.

Esperança sem precedentes

Não obstante, o profeta ousa proclamar que o tempo por vir será glorioso. Ainda que o sujeito da frase inicial não seja indicado (no hebraico original), não há dúvida de que se trata de Deus. O Senhor não limitará a sua ação salvífica ao reino de Judá, mas estenderá a sua glória para além do Jordão, à Galileia dos gentios, ao distrito das nações [gôyim]. Por esta razão, “O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz” (9.2). A metáfora trevas-luz é frequente nas Escrituras. Aqui indica respectivamente o estado de absoluta desolação e morte em que se acham as pequenas nações e os pobres sob a opressão estrangeira, e a libertação operada por Deus que restitui a vida plena e a paz.

O resultado não pode ser outro senão a mais completa alegria de viver. O texto chega a ser redundante: “Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste; alegram-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa e como exultam quando repartem os despojos” (9.3). Segundo Asurmendi, “o termo alegria, repetido três vezes neste curto versículo, é um termo técnico que reaparece nos dois relatos de entronização de rei no AT: a de Salomão (1Re 1.40) e a de Joás (2Re 11.14-20)” [Isaias 1-39. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 68]. Já a palavra equivalente a regozijo, júbilo, exultação é tomada por empréstimo da festa cananeia realizada no outono para indicar o contentamento gerado pela ação salvadora de Javé no momento em que o novo rei é coroado. Sem dúvida, trata-se de surpreendente ousadia! O transbordamento das emoções está vividamente representado pelo emprego de duas imagens vigorosas e complementares: a colheita e a partilha de bens após a vitória na batalha. Montagnini chama a atenção para o paralelismo entre ambas as situações para ressaltar que “a divisão dos despojos não se faz em meio à alegria sádica de quem se entrega à violência, mas é temperada pelo reconhecimento para com o Senhor, autor do dom, reconhecimento que tem seus acentos característicos na exultação da ceifa” [Isaias 1-39: o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 130]. Poderíamos agregar que, para o autor sacro, interessa mais destacar o efeito final do que propriamente o processo que o gerou.

Os versos seguintes (4-6), introduzidos na versão lida pelo triplice “porque” [ki = conjunção causal], apontam para a motivação de tanta celebração: o fim do domínio estrangeiro, a destruição de todo aparato bélico e, por fim, o nascimento de uma criança.

Para representar a opressão assíria, faz-se uso de três ferramentas do mundo pastoril: o jugo, a vara e o cetro, sobre os quais esclarece Virgulin: “o jugo era uma peça de madeira, mas às vezes também de metal, colocada no pescoço dos bois para torná-los dóceis (cf. Jr 23.13); a vara e o bastião [cetro] eram peças que seguravam firme a canga no pescoço. Na prática os dois termos são sinônimos de jugo e serviam para descrever, com as figuras da opressão e da inspeção, a dura tirania do vencedor” (in: BALLARINI. Introdução à Bíblia II/3. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 144). Não é fortuito que, em nossa cultura, se valha da imagem do gado para assinalar a passividade do povo que, muitas vezes, se sujeita a condições vexatórias. Contudo, quase nunca se indicam os artifícios e os recursos por meio dos quais tal “passividade” é mantida. Em todo o caso, aqui vale precisar que a sujeição violenta acabará. Não foi assim que Deus agiu no passado? A extraordinária vitória de Gideão sobre os midianitas (Jz 7.16-25), atribuída unicamente ao Senhor, era a garantia de que o futuro estava assegurado. Neste ponto, Isaías mais uma vez nos toma de surpresa. Apesar de ser membro da corte em Judá, ele se vale de uma tradição do reino do Norte, como a indicar que não há barreiras para ação de Deus. Não importa: o fundamento da esperança achava-se arraigado na memória dos feitos maravilhosos de Javé, para quem inexistem fronteiras!

Agora, mais do que assegurar a vitória, esperava-se o total aniquilamento dos símbolos de morte e de guerra: “porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha e toda veste revolvada em sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo” (9.5). Não se pretende, como será comum na literatura apocalíptica, a simples inversão de papéis. “Os

que recobram a liberdade veem romper-se os símbolos da escravidão, mas não se transformam em opressores nem passam a vingar-se dos que os oprimiam” [MONTAGNINI, 1993, p. 130-1]. Aguarda-se um novo tempo, e não a reedição do antigo com os sinais invertidos!

Uma criança especial

Mesmo que, para nossos ouvidos, soe de forma inusitada e seja inteiramente divergente dos demais quanto à sua natureza e talvez por isto, o terceiro motivo é a verdadeira causa subjacente ao tempo de libertação e paz universal: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (9.6). O emprego da voz passiva não deixa dúvidas sobre quem se encontra na direção das ações. Deus devota especial cuidado com esta criança à qual dá nome, isto é, confere uma identidade única, e da qual faz dom. Também o povo oprimido deixa a condição de simples objeto da ação divina e se insere no processo salvífico. Antes referido em terceira pessoa, agora, ousa, ele próprio, entoar o cântico de celebração e ação de graças (uso da primeira pessoa do plural: “um menino nos nasceu, um filho se nos deu”).

Sobre os (quatro ou cinco?) títulos atribuídos ao recém-nascido, há muita especulação da qual dificilmente conseguiríamos nos desembaraçar nos limites desta pregação. Convém ressaltar que eles resumem as virtudes indispensáveis para o governo sob o beneplácito de Deus e, portanto, fundado na justiça, no direito, na equidade, na paz e no bem estar de todo o povo. “Maravilhoso Conselheiro”

sugere a sabedoria e a prudência, capazes de planejar e executar projetos singulares conforme a aprovação divina. Não nos esqueçamos que, no AT, a expressão “maravilha” ou “maravilhas”, no plural, designa sempre os grandes feitos de Deus. “Deus forte”, segundo comentaristas criteriosos, é nome que, no âmbito da fé judaica, não pode ser tomado literalmente. Antes, o termo alude às qualidades heróicas, à competência própria de um comandante-em-chefe, à ousadia de quem jamais vacila quando lhe cabe tomar a decisão. É atributo divino, raramente aplicado à figura humana, exceto para destacar a importância da função exercida ou por especial graça de Deus. Aqui põe em evidência a proximidade que há entre a criança e Deus. De certo modo, reforça o título anterior: suas obras são poderosas, e não simplesmente admiráveis. “Pai da Eternidade” denota claramente as expectativas em torno do rei ideal, que deve zelar com diligência pelo bem estar de seu povo. Aquele que é poderoso emprega a sua força, não de forma desmedida, e sim com “solicitude paterna” [cf. MONTAGNINI, 1993, p. 133].

“O último título (‘príncipe da paz’) – esclarece Montagnini – (...) é o que se abre diretamente para a obra que o menino é chamado a executar. Os três primeiros dizem com acento o que Ele é, como que sublinhando que, sendo ‘Conselheiro admirável, Deus Forte, Pai para sempre’, ele não poderá dar-se a conhecer senão como ‘Príncipe da Paz’” [idem, p. 132]. O poderio das armas é desfeito pela fragilidade serena da criança. Como explicita o versículo posterior, a paz duradoura é firmada no direito e na justiça para com os indefesos, portanto, não meramente na ausência de conflitos, mas na instauração da vida plena para as pessoas que têm sido excluídas dela.

A palavra final é uma espécie de selo que assegura o cumprimento da promessa: “O zelo do SENHOR dos Exércitos [isto é, seu amor fiel] fará isto”.

Scholars do Antigo Testamento debatem sobre este misterioso personagem. O menino é logo identificado por muitos com o rei Ezequias. O estilo hiperbólico se explicaria pelos costumes habituais da corte durante a entronização de um novo rei. Há também quem argumente a favor de uma interpretação messiânica. A esperança se concretizaria em um futuro rei ideal que inauguraria uma nova etapa na história. A exegese patrística, por sua vez, não hesitou em reconhecer em Jesus de Nazaré os traços do soberano anunciado.

Considerações finais

O fato é que, na polissemia dos sentidos, esta passagem continua a despertar a nossa curiosidade e inquietação. Independentemente de nossa interpretação, o que me impressiona na fé bíblica (e, de algum modo, também nestes 50 anos da ASTE) é o contraste constante entre os obstáculos existentes para a concretização do plano divino e os recursos disponíveis para alcançá-lo: o temido exército assírio e pequenez de uma criança; um recém nascido, envolto em faixas e deitado em uma manjedoura ao qual se professa como “salvador do mundo”; doze instituições teológicas, lutando para assegurar a própria sobrevivência e atender às exigências institucionais, se reunindo para formar uma Associação voltada para a promoção de educação teológica autóctone e afeita à realidade nacional.

Apesar de tudo, Deus cumpre a sua promessa, embora nem sempre do modo que esperamos. O fato é que, contrariando nos-

sas expectativas, Deus estabelece o seu reino de maneira sempre nova. Com razão, o apóstolo Paulo entendeu que esta esperança era “contra toda a esperança” (Rm 4.18). Porém, afirmá-la é proclamar que as forças da morte, que impedem o florescimento da vida, não têm a última palavra na história humana; confessá-la é crer que, a despeito da escuridão do tempo presente, Deus fará triunfar a justiça e o bem; celebrá-la é dispor-se, desde já, a lutar contra os poderes do mal, da injustiça e do egoísmo, na construção de outro mundo possível, no qual, empregando a metáfora do profeta, as espadas serão transformadas em relhas de arado e as lanças em podadeiras, no qual a justiça e a paz se abraçarão; e no qual a natureza e a socie-

dade conviverão harmonicamente. Há muitos sonhos reservados para a ASTE e a educação teológica, porém eles só farão sentido se estiverem a serviço do grande projeto de Deus: a instauração de seu reinado. Agora, é tempo de advento e de natal; tempo de esperança que nasce com a criança que desafia tanto aos poderosos quanto à nossa lógica. É tempo de recomeço, para a ASTE assim como para todos nós, no espírito do que escreveu Guimarães Rosa: “Um menino nasceu, o mundo tornou a começar!”.

14 de dezembro de 2011
José Carlos de Souza